



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A Diversidade da Assexualidade: Perceção de Traços Estereotípicos em Pessoas Assexuais Com Orientação Arromântica e Romântica

Ana Isabel Tomás Assunção

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Doutor David L. Rodrigues, Investigador Auxiliar com Agregação,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

A Diversidade da Assexualidade: Perceção de Traços Estereotípicos em Pessoas Assexuais Com Orientação Arromântica e Romântica

Ana Isabel Tomás Assunção

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Doutor David L. Rodrigues, Investigador Auxiliar com Agregação

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Dedico este trabalho aos meus pais, que apesar das dificuldades, deram o melhor de si para me ajudarem a ser feliz.

Agradecimento

Agradeço em especial à minha mãe, devido a todo o esforço para me proporcionar a melhor educação e por me ter apoiado sempre nas minhas decisões. Agradeço aos homens da minha vida, pai e irmão, por terem sempre cuidado de mim e às minhas sobrinhas e aos meus avós, por todos os momentos felizes e de amor, que também me fazem crescer.

Aos meus amigos, que são incansáveis e sempre se disponibilizaram para me ajudar com este trabalho e com a vida.

Um agradecimento ao meu orientador, professor David Rodrigues, por me ter dado a oportunidade de aprender mais e ser melhor.

Por fim, a mim, por todo o empenho e dedicação que investi nestes cinco anos de formação.

Resumo

Pessoas assexuais, à semelhança de outras minorias sexuais, são alvos de estigma social. Contudo, pouco trabalho tem sido desenvolvido para compreender se o estigma dirigido a pessoas assexuais é *semelhante* ou *diferenciado* consoante a diversidade de experiências dentro do espectro da assexualidade. Estendendo evidência empírica recente, explorámos se pessoas assexuais são percebidos diferenciadamente de pessoas heterossexuais em termos de traços estereotípicos (não-sociabilidade e imaturidade). Num estudo experimental com 346 participantes (54.3% do sexo masculino; $M_{idade} = 33.79$, $DP = 10.14$), apresentámos uma de quatro descrições de duas pessoas numa relação significativa (i.e., alvos) identificadas como (a) ace, (b) assexuais aromânticas, (c) assexuais românticas ou (d) heterossexuais. Cada participante atribuiu traços (não-sociabilidade e imaturidade) e indicou as suas intenções de amizade relativamente aos alvos. Os resultados mostraram que alvos assexuais (todos vs. heterossexuais) foram percebidos como menos sociáveis, enquanto alvos assexuais aromânticos e românticos (vs. heterossexuais) foram percebidos como mais imaturos. Verificou-se também que alvos assexuais aromânticos (vs. assexuais e vs. assexuais românticos) foram percebidos menos sociáveis e mais imaturos e foram-lhes indicadas menores intenções de amizade. Este trabalho oferece uma compreensão mais detalhada do estigma social associado à assexualidade, sendo discutidas implicações dos resultados.

Palavras-Chave: assexualidade; orientação romântica; estereótipos; não-sociabilidade; imaturidade; estigma; preconceito

Abstract

Asexual people, like other sexual minorities, are targets of social stigma. However, little work has been done to understand whether the stigma directed at asexual people is *similar* or *differentiated* according to the diversity of experiences within the asexuality spectrum. Extending recent empirical evidence, we explored whether asexual people are perceived differently from heterosexual people in terms of stereotypical traits (non-sociability and immaturity). In an experimental study with 346 participants (54.3% male; $M_{\text{age}} = 33.79$, $SD = 10.14$), we presented one of four descriptions of two people in a significant relationship (i.e., targets) identified as (a) ace, (b) asexual aromantics, (c) asexual romantics or (d) heterosexuals. Each participant assigned traits (unsociability and immaturity) and indicated their friendship intentions towards the targets. The results showed that asexual targets (all vs. heterosexual) were perceived as less sociable, while aromantic and romantic asexual targets (vs. heterosexual) were perceived as more immature. It was also found that aromantic asexual targets (vs. asexuals and vs. romantic asexuals) were perceived as less sociable and more immature and were given lower friendship intentions. This paper offers a more detailed understanding of the social stigma associated with asexuality, with its results being discussed.

Keywords: asexuality; romantic orientation; stereotypes; non-sociability; immaturity; stigma; prejudice

Índice

Agradecimento	iii
Resumo.....	v
Abstract	vii
Introdução.....	1
Enquadramento Teórico	5
1.1. Identificação com a Assexualidade: <i>Ace Spectrum</i>	5
1.2. Assexualidade Romântica vs. Assexualidade Arromântica.....	6
1.3. Preconceito em Torno da Assexualidade.....	7
1.4. Presente Estudo.....	9
Método	11
2.1. Participantes e Delineamento Experimental.....	11
2.2. Medidas	13
2.3. Procedimento	13
2.4. Plano de Análise	14
Resultados	15
3.1. Atribuição de Traços Estereotípicos: Não-Sociabilidade e Imaturidade.....	15
3.2. Intenções de Amizade.....	16
3.3. Análise Exploratória: Traços de Personalidade Big-Five.....	17
Discussão.....	19
4.1. Limitações e Estudos Futuros.....	21
4.2. Implicações Teóricas e Práticas.....	22
Conclusões	25
Referências	27

Anexos.....	31
Anexo A – Consentimento Informado.....	31
Anexo B – Questões Sociodemográficas.....	33
Anexo C – Ten-Item Personality Inventory (TIPI, Gosling et al., 2003), Não-Sociabilidade e Imaturidade	36
Anexo D – Intenções de Amizade	37

Índice de Figuras

Fig. 2.1. Atribuição de traços estereotípicos com cada condição experimental.....	16
Fig. 2.2. Intenções de amizade com cada condição experimental	17

Índice de Quadros

Quadro 2.1. Dados Sociodemográficos por Condição Experimental.....	12
--	----

Introdução

O interesse científico nas experiências e vivências de pessoas assexuais tem aumentado nos últimos anos (e.g., Bogaert, 2004, 2006, 2015; Carrigan, 2011; Carvalho & Rodrigues, 2022; Prause & Graham, 2007; Van Houdenhove et al., 2015, 2017). O crescente interesse sobre a assexualidade deve-se ao facto de atualmente se considerar a assexualidade dentro da variação normal da sexualidade humana e não como uma patologia clínica (Bogaert, 2006). O aumento do estudo sobre a assexualidade também está ligado ao crescimento de comunidades assexuais online como a *The Asexual Visibility and Education Network* (AVEN; <https://www.asexuality.org/>).

A assexualidade foi primeiramente referenciada por Alfred Kinsey e colegas através da inclusão de uma “categoria X”, que significa “sem contactos ou reações sócio-sexuais”, como um acréscimo à escala de classificação de orientação sexual (Kinsey et al., 1948 citado por MacInnis & Hodson, 2012). Bogaert (2004), ao analisar uma grande amostra probabilística britânica ($N > 18,000$), verificou que cerca de 1% da mesma indicava nunca ter sentido atração sexual por alguém. De acordo com os resultados obtidos, o autor definiu assexualidade como inexistência de atração sexual por outras pessoas. Prause e Graham (2007) verificaram, no entanto, que a assexualidade pode ser descrita através da baixa excitação sexual, ou seja, pessoas assexuais podem experimentar um nível mais baixo de motivação sexual e envolvimento em atividade sexual. Assim, tem-se verificado que definir assexualidade apenas como ausência de atração sexual, tende a excluir pessoas que se identificam como assexuais (Carrigan, 2011; Yule et al., 2015). Para contornar esta questão, o termo “ace” tem sido utilizado para referenciar de forma mais ampla a comunidade assexual, de forma a incluir outras identidades do espectro, como *graysexual* (i.e. pessoas que raramente sentem atração sexual) e *demisexual* (i.e., pessoas que podem sentir atração sexual após formarem um vínculo íntimo; Carrigan, 2011; Decker, 2015). Para além de diferenças na forma vivenciam a sexualidade e a atividade sexual, existem também diferenças na forma como pessoas ace se identificam em termos de orientação (ar)romântica. Para pessoas assexuais com orientação romântica, a procura de outra pessoa significativa e o estabelecimento de um vínculo romântico é fundamental para as suas vidas, enquanto que pessoas assexuais com orientação arromântica

estão mais motivadas para estabelecer relações afetivas sem atração romântica ou sexual (e.g., amizades íntimas; Carrigan, 2011; Carvalho & Rodrigues, 2022).

Algumas pessoas assexuais têm indicado sentir alguma dificuldade em revelar à família e amigos a sua assexualidade, por medo de serem alvo de estigma social ou incompreensão, mostrando-se também preocupados sobre as possíveis mudanças nos seus relacionamentos após revelarem a sua assexualidade (Chasin, 2015; Robbins et al., 2016; Van Houdenhove, Gijis, T'Sjoen, et al., 2015). Devido à suposição de que a sexualidade faz parte do desenvolvimento do ser humano (Prause & Graham, 2007; Van Houdenhove et al., 2017; Zivony & Reggev, 2023) e como pessoas assexuais indicam não sentir atração sexual (ou sentem pouca), podem enfrentar um estigma social diferenciado do que é vivido por outras minorias sexuais (MacInnis & Hodson, 2012). A discriminação e a hostilidade em relação a várias minorias sexuais têm sido evidenciadas pela avaliação negativa em relação a grupos com diversidade sexual (Herek, 2009, 2010; Herek et al., 2015; Herek & McLemore, 2013), devido à institucionalização da heterossexualidade como normativa, que estabelece uma e uma hierarquia sexual (para revisão, ver Seidman, 2009).

O estudo sobre o preconceito contra pessoas ace não tem sido um tema recorrente entre investigadores. MacInnis e Hodson (2012) iniciaram investigações nesta temática e com os resultados obtidos do seu trabalho, afirmam a existência de preconceito contra pessoas ace, dado que pessoas assexuais foram avaliadas mais negativamente comparativamente a pessoas heterossexuais e a outras minorias sexuais. Mais recentemente, Zivony e Reggev (2023) apresentam resultados que evidenciam que o pressuposto da inevitabilidade da atração leva à dedução de estereótipos específicos da assexualidade. Posto isto, a concordância com a ideia de que a atração sexual é inevitável levou pessoas a considerarem alvos assexuais como mais imaturos e menos sociáveis, comparativamente a alvos heterossexuais. A dedução de estereótipos pressupõe que os estereótipos refletem frequentemente inferências de crenças amplamente partilhadas pela sociedade, permitindo inferir rapidamente estereótipos sobre um grupo social (Ferster & Zivony, 2023), mesmo que seja menos conhecido pela sociedade.

Até então as formas de preconceito contra pessoas ace foram avaliadas tendo em conta a definição de assexualidade enquanto falta de atração sexual, não tendo sido exploradas as potenciais diferenças de preconceito entre identificações distintas de assexualidade (MacInnis & Hodson, 2012; Zivony & Reggev, 2023). Para melhor entender o preconceito sobre a assexualidade, são necessárias fontes que indiquem de que forma outras pessoas percebem esta minoria sexual, não só em relação à atração sexual, mas também em relação à diferenciação

na experiência das relações românticas. Neste sentido, este estudo experimental pretende explorar se pessoas assexuais são percebidas diferenciadamente de pessoas heterossexuais em termos de traços de personalidade, bem como nas intenções de amizade. Dada a escassez de evidência empírica, neste estudo analisámos também se estas perceções diferem consoante as pessoas assexuais são definidas como românticas e aromânticas.

CAPÍTULO 1

Enquadramento Teórico

1.1. Identificação com a Assexualidade: *Ace Spectrum*

Prause e Graham (2007) foram pioneiros ao realizar um estudo qualitativo com pessoas que se identificam como assexuais, no qual algumas das pessoas entrevistados indicaram experienciar um nível menor de motivação sexual e algum envolvimento em atividade sexual. Um dos motivos indicados na literatura para o envolvimento sexual de pessoas assexuais tem a ver com a curiosidade sobre que sensações a atividade sexual pode provocar. Outro motivo está relacionado com o envolvimento num relacionamento amoroso, sendo que algumas pessoas assexuais românticas estão mais dispostos a envolver-se em atividades sexuais para satisfazer os desejos de parceiros sexuais (Brotto et al., 2010; Prause & Graham, 2007; Van Houdenhove et al., 2015). Estes motivos indicam que pessoas assexuais podem apresentar alguma disposição para se envolver em comportamentos sexuais consensuais e, portanto, defini-los apenas como pessoas que não sentem atração sexual tende a excluir um número considerável daqueles que se autoidentificam como assexuais. Ao definir a assexualidade dessa forma, estamos a concretizar o desejo sexual como parte única da definição de assexualidade e a remover o significado subjetivo que cada pessoa atribui ao desejo (Carrigan, 2011).

Carrigan (2011), através de metodologias mistas, verificou uma distinção central nas dimensões que caracterizam a assexualidade entre romance e atividade sexual. Em termos de componente sexual, pessoas que se identificam como *graysexuais* enquadram-se na área cinzenta percebida entre sexual e assexual, experienciando baixos níveis de atração sexual. Por outro lado, pessoas *demisexuais* experimentam atração sexual devido a sentirem atração romântica, ou seja, quando estão emocionalmente relacionados com alguém, pode ocorrer atração sexual apenas direcionada a essa pessoa (Carrigan, 2011).

1.2. Assexualidade Romântica vs. Assexualidade Arromântica

Para além da distinção na identificação entre pessoas assexuais que experienciam de forma diferente a atração sexual, a orientação romântica também é uma componente que permite distinguir formas de autoidentificação na assexualidade. Alguns autores têm vindo a estudar as diferenças nas experiências de indivíduos assexuais que afirmam sentir (ou não) atração romântica (Antonsen et al., 2020; Bulmer & Izuma, 2018; Carrigan, 2011; Carvalho & Rodrigues, 2022). Pessoas assexuais românticas experimentam atração romântica, ou seja, que desejam ter relacionamentos românticos, procurando-os ativamente ou apenas deixando a possibilidade de se sentirem atraídos romanticamente por alguém, sem o considerarem uma prioridade. Por outro lado, pessoas assexuais arromânticas, para além de não sentirem atração sexual (ou sentir em níveis baixos), não sentem atração romântica e, por isso, não desejam ou procuram desenvolver relações românticas (Brotto et al., 2010; Carrigan, 2011).

Alguns autores (Antonsen et al., 2020; Carvalho & Rodrigues, 2022) ao estudar as diferenças da atração romântica em pessoas assexuais, verificaram maior probabilidade de estar num relacionamento, mais parceiros românticos e sexuais anteriores, beijos mais frequentes, mais desejo sexual diádico e menor aversão ao sexo entre pessoas assexuais românticas (vs. arromânticas). Por outro lado, tem-se verificado que pessoas assexuais arromânticas tendem a descrever as relações de amizade como os seus relacionamentos ideais (Scherrer, 2008) e a reportar maior aversão ou repulsa relativas à atividade sexual (Carrigan, 2011; Carvalho & Rodrigues, 2022). Ainda, pessoas assexuais românticas são mais propensas a serem sexualmente mais ativas (vs. assexuais arromânticas) e indicaram maiores preocupações com o desempenho sexual num relacionamento romântico (Carvalho & Rodrigues, 2022).

Alguns indivíduos assexuais envolvem-se numa relação romântica sem componente sexual, pois distinguem a atração sexual da atração romântica. Este tipo de observação desafia algumas ideias fundamentais sobre a suposta natureza sexual da humanidade, ao supor atividade sexual é frequentemente considerada uma parte essencial e definidora do ser humano e de um relacionamento romântico (Van Houdenhove et al., 2017). A suposição de inevitabilidade da atração sexual, assim como do envolvimento romântico ou afetivo, é evidenciada na literatura (e.g., MacInnis & Hodson, 2012; Van Houdenhove et al., 2017; Zivony & Reggev, 2023). Neste sentido, tem-se iniciado alguns estudos sobre como estes fenómenos podem incorrer em formas de preconceito sobre pessoas assexuais, sendo que alguns elementos da comunidade assexual referem sentir por vezes alguma dificuldade em revelar ou assumir a sua assexualidade a

familiares e amigos por considerarem que vão ser alvos de comentários que desvalorizam a sua assexualidade (Van Houdenhove et al., 2015).

1.3. Preconceito em Torno da Assexualidade

Segundo Allport, o preconceito é uma atitude aversiva ou hostil em relação a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente por pertencer a esse grupo, presumindo-se que tenha qualidades questionáveis atribuídas ao mesmo (Allport, 1959 citado por Stuber et al., 2008). Assim sendo, o preconceito das minorias sexuais pode ser definido por atitudes negativas em relação aos grupos minoritários sexuais (Herek, 2009, 2010; Herek et al., 2015; Herek & McLemore, 2013).

Trabalhos como os de MacInnis e Hodson (2012) e Zivony e Reggev (2023), sugerem que o preconceito sobre pessoas assexuais está relacionado com a percepção de que a não aderência a comportamentos heteronormativos permite a conotação deste grupo como inferior e merecedor de negatividade pela maioria. No entanto, pessoas assexuais podem ser vistas como especialmente atípicas porque, ao contrário de homens gays, mulheres lésbicas e pessoas bissexuais, carecem de atração sexual (MacInnis & Hodson, 2012). Comumente assume-se que todas as pessoas que passam pela puberdade devem sentir atração sexual por outras (Zivony & Reggev, 2023) e que a atividade sexual é considerada uma parte essencial que define o ser humano e os seus relacionamentos românticos (Van Houdenhove et al., 2017). Com base nestas premissas e no padrão de preconceito das minorias sexuais, em que a diferença parece ser um défice, seriam de esperar avaliações negativas em relação a pessoas assexuais, de forma semelhante ao preconceito contra outras minorias sexuais. Efetivamente, MacInnis e Hodson (2012) sugerem que o preconceito contra grupos sexuais minoritários é evidente mesmo quando o grupo não se envolve em atividade sexual. No sentido de estudar esta hipótese, realizaram dois estudos em que compararam avaliações sobre alvos heterossexuais, pessoas bissexuais, homens gays e mulheres lésbicas, bem como alvos assexuais. Através das descrições apresentadas pelos autores, foram avaliadas atitudes em relação a estes grupos e verificou-se que foram reportadas atitudes mais positivas face a alvos heterossexuais, comparativamente aos restantes alvos. Tal revelou o esperado preconceito contra as minorias sexuais. Porém, entre as minorias sexuais, as atitudes mais negativas foram dirigidas a alvos assexuais mesmo comparando com alvos de outras minorias sexuais. Tal revelou um preconceito específicos dirigido à comunidade ace. Este estudo mostrou também evidência de desumanização face aos

alvos assexuais (vs. todos os outros alvos), sendo que foram caracterizados com menos traços e emoções exclusivamente humanas (ou seja, características que permitem diferenciar os humanos de animais) e de natureza humana (fundamentais à espécie humana). Como tal, alvos assexuais foram percebidos como menos humanos do que alvos de outros grupos sexuais, maioritário ou minoritários (para revisão sobre desumanização, ver Haslam, 2006).

O trabalho destes autores (MacInnis & Hodson, 2012) permitiu, também, perceber diferenças nas intenções de contacto e de discriminação para com os diferentes grupos. As intenções de contacto foram maiores para com pessoas heterossexuais, sendo que o contacto com homens gays ou mulheres lésbicas foi preferido ao contacto com pessoas assexuais. As intenções de discriminação (avaliadas através da disposição de alugar ou contratar membros dos grupos) foram evidentes para as minorias, em ambas as amostras, pois mostraram-se mais intenções de contratar ou alugar a indivíduos heterossexuais.

Os resultados dos estudos de MacInnis e Hodson (2012) sugerem que a percepção de que o desejo sexual é uma componente essencial da natureza humana, leva a que as pessoas que não o possuem (pessoas assexuais) sejam alvos de um preconceito diferenciado do preconceito em relação a outras minorias sexuais. Zivony e Reggev (2023) referem que as fontes das atitudes negativas sobre a assexualidade não são bem compreendidas e que o preconceito em relação a pessoas assexuais pode estar associado a atribuição de estereótipos específicos. Dado que a categorização social e a criação de estereótipos levam ao favoritismo do *ingroup* e preconceito sobre o *outgroup* (Tajfel & Turner, 1979), considera-se que os estereótipos estão ligados à discriminação e ao preconceito (Devine, 1989). Por um lado, o pressuposto de que a atração sexual é inevitável supõe que a assexualidade não faz parte do espectro da sexualidade humana e não pode existir em adultos saudáveis (Zivony & Reggev, 2023) e, portanto pessoas assexuais podem ser alvos de estigma. Por outro lado, a confusão descrita por algumas pessoas assexuais numa determinada fase da sua vida, conjuntamente com a percepção frequente da assexualidade, por familiares e amigos, como uma fase passageira na vida de pessoas assexuais (Robbins et al., 2016), pode levar a caracterização de pessoas assexuais como imaturas (Van Houdenhove et al., 2015). Estes aspetos sugerem que imaturidade ou confusão são traços percebidos como típicos na assexualidade (Zivony & Reggev, 2023).

O construto “natureza humana”, no trabalho de MacInnis e Hodson (2012), foi composto por avaliações de cinco emoções: amor, desejo, felicidade, carinho e medo. Grande parte desses traços refere-se a emoções associadas à sociabilidade e foram menos atribuídos a pessoas

assexuais. Assim, pessoas assexuais podem ser percebidas como menos sociáveis. Tal foi testado no estudo de Zivony e Reggev (2023), no qual foi pedido a participantes para avaliarem alvos assexuais e heterossexuais, indicando em que medida concordavam que os alvos apresentavam traços de não-sociabilidade e imaturidade. Os resultados mostraram que alvos assexuais foram avaliados como menos sociáveis do que alvos heterossexuais, mas não como mais imaturos. Ainda, os resultados da análise exploratória das intenções de amizade, mostraram que alvos assexuais foram avaliados mais favoravelmente em termos de intenção de amizade, comparativamente a alvos heterossexuais.

O preconceito sobre a assexualidade é um tema escasso na investigação, nomeadamente em relação às várias formas de identificação da assexualidade. Até agora, os estudos realizados neste campo (MacInnis & Hodson, 2012; Zivony & Reggev, 2023) comparam alvos heterossexuais e assexuais, com base na definição de assexualidade como ausência de atração sexual, sem explorar a diversidade na identificação enquanto assexual. Assim sendo, torna-se necessário explorar as diferenças na atribuição de traços de personalidade e intenções de amizade para com estes indivíduos, comparando a forma como pessoas percebem indivíduos assexuais dentro da sua diversidade.

1.4. Presente Estudo

Este estudo experimental tem por objetivo ajudar a perceber de que forma a assexualidade é percebida em termos dos traços de personalidade e das intenções de amizade. Neste estudo, não foram comparadas apenas as atribuições de traços e de intenções de amizade entre alvos ace e heterossexuais, como em estudos anteriores (MacInnis & Hodson, 2012; Zivony & Reggev, 2023) sendo que também foram hipoteticamente descritos alvos assexuais românticos e não românticos, no sentido de identificar possíveis diferenças na atribuição de estereótipos também entre estes alvos.

De acordo com os resultados observados por Zivony e Reggev (2023) esperávamos que alvos ace fossem percebidos como menos sociáveis em relação a alvos heterossexuais (H1), enquanto que, por outro lado, era esperado não se encontrarem diferenças na percepção de imaturidade entre alvos ace e alvos heterossexuais (H2). Também tendo em conta os resultados de Zivony e Reggev (2023) esperávamos maiores intenções de amizade para com alvos ace comparativamente a alvos heterossexuais (H3).

Através de comparações entre grupos, explorámos se as pessoas diferem nas suas perceções sobre traços (não-sociabilidade e imaturidade) e intenções de amizade entre quatro alvos (ace vs. assexuais aromânticos vs. assexuais românticos vs. heterossexuais). No sentido de colmatar a carência de evidências do estudo do preconceito tendo em conta a heterogeneidade da assexualidade, esta análise pretendia, mais especificamente, explorar se existe diferenciação na perceção de traços estereotípicos e intenções de amizade entre alvos assexuais aromânticos e românticos. Ainda, à semelhança das análises exploratórias conduzidas por Zivony e Reggev (2023), explorámos se havia diferenças na atribuição de traços de personalidade Big-Five entre os quatro alvos descritos.

CAPÍTULO 2

Método

2.1. Participantes e Delineamento Experimental

Iniciaram o questionário online 508 pessoas, tendo sido excluídas pessoas que não completaram o questionário ($n = 139$), que tinham menos de 18 anos ($n = 2$) e que se identificavam como assexuais ($n = 21$; a inclusão de pessoas assexuais poderia conduzir a favoritismo intragrupal e gerar enviesamentos; Tajfel & Turner, 1979). A amostra final incluiu 346 participantes de diversos países (e.g., 17.5% dos Estados Unidos da América; 14% de Portugal; 13.1% da Alemanha), com idades compreendidas entre os 18 e os 67 anos ($M = 33.79$, $DP = 10.14$)¹. A maioria da amostra identificou-se com sendo do sexo masculino (54.3%) e identificou-se como tendo uma orientação heterossexual (77.7%), indicou residir em zonas metropolitanas (54.2%), ter concluído uma licenciatura ou bacharelato (46.5%) e encontra-se a trabalhar (59.2%). Cerca de metade da amostra indicou ter uma relação significativa (50.5%). Na Tabela 1 estão sumariadas as características demográficas da amostra global e em cada condição experimental.

Participantes foram aleatoriamente alocados a uma de quatro condições experimentais (alvos: ace vs. assexuais aromânticos vs. assexuais românticos vs. heterossexuais) num delineamento entre sujeitos-participantes.

¹ Casas decimais são aqui apresentadas usando ponto (ao invés de vírgula) para facilitar a leitura.

Quadro 2.1.

Dados Sociodemográficos por Condição Experimental

	Total N = 346	Ace n = 79	Assexuais Arromânticos n = 93	Assexuais Românticos n = 91	Heterossexuais n = 83
	<i>M (DP) ou %</i>	<i>M (DP) ou %</i>	<i>M (DP) ou %</i>	<i>M (DP) ou %</i>	<i>M (DP) ou %</i>
<i>Idade</i>	33.79 (10.14)	33.85 (10.28)	33.35 (9.67)	33.80 (10.07)	34.19 (10.75)
<i>Género</i>					
Masculino	54.3	54.4	50.5	56.0	56.6
Feminino	44.8	45.6	47.3	42.9	43.4
Prefiro não responder	0.9	0	2.2	1.1	0
<i>Orientação Sexual</i>					
Heterossexual	77.7	75.9	73.1.	81.3	80.7
LGBTQI+	19.9	22.8	24.7	15.4	16.9
Prefiro não responder	2.4	1.3	2.2	3.3	2.4
<i>Estado de Relação</i>					
Solteiros	32.7	36.7	26.9	33.0	34.9
Relação Casual	11.8	8.9	10.8	19.8	7.2
Relação Significativa	50.5	51.9	51.7	46.2	53.1
Outros	3.8	1.3	8.6	0	4.8
Prefiro não responder	1.2	1.2	2.1	1.0	0
<i>Área de Residência</i>					
Zona Metropolitana	54.0	64.6	49.5	49.5	54.2
Cidades Periféricas	23.7	22.8	27.9	25.3	21.7
Áreas Rurais	18.2	12.6	18.3	25.3	22.9
Prefiro não responder	1.2	0	3.2	0	1.2
<i>Ocupação Profissional</i>					
Estudante	10.4	10.1	12.9	11.0	7.2
Trabalhador-Estudante	15.3	19.0	15.1	11.0	16.9
Trabalhador	59.2	55.7	61.3	63.7	55.4
Outros	14.4	15.2	9.6	14.3	19.3
Prefiro não responder	0.7	0	1.1	0	1.2
<i>Nível de Escolaridade</i>					
Ensino Secundário	20.0	19.0	23.7	17.5	18.1
Licenciatura	46.5	45.6	43.0	49.5	48.2
Mestrado/Doutoramento	32.1	32.9	29.0	33.0	22.6
Outros	2.9	1.3	1.1	0	0
Prefiro não responder	0.6	1.2	2.1	0	0

2.2. Medidas

Traços de Personalidade. Foi pedido a participantes que indicassem que medida um conjunto de traços se aplicada aos alvos (de 1 = *Discordo totalmente* a 7 = *Concordo totalmente*). Foram usados quatro itens propostos por Zivony e Reggev (2023) para aceder aos traços imaturidade (e.g., “Confused, indecisive”), $r(344) = .65, p < .001$ e não-sociabilidade (e.g., “Awkward, ill at ase”), $r(344) = .61, p < .001$. Além disso, foram incluídos os itens da Ten-Item Personality Inventory (TIPI), uma medida breve dos domínios de personalidade Big-Five (Gosling et al., 2003). Nesta escala, são usados dois itens para medir os traços agradabilidade (e.g., “Sympathetic, warm”), $r(344) = .13, p = .020$, conscienciosidade (e.g., “Dependable, self-disciplined”), $r(344) = .17, p = .002$, extroversão (e.g., “Extraverted, enthusiastic”) $r(344) = .19, p < .001$, neuroticismo (e.g., “Calm, emotionally stable”), $r(344) = -.06, p = .277$, e abertura a novas experiências (e.g., “Conventional, uncreative”), $r(344) = -.01, p = .802$.²

Intenções de Amizade. Foi também pedido a participantes que indicassem em que medida gostariam de ter uma relação de amizade com os alvos (de 0 = *Definitivamente não* a 100 = *Definitivamente não*).

2.3. Procedimento

Os dados foram recolhidos através de um questionário online alojado na plataforma *Qualtrics*. O questionário foi construído em inglês. O convite para a colaboração foi feito através de posts nas redes sociais (Linked In, Facebook e Instagram), acompanhados de uma pequena descrição do estudo e do objetivo e anexado. Ao aceder ao *link* incluído no post, participantes tinham acesso ao consentimento informado. Neste constava a descrição do estudo e que o objetivo era perceber conhecimentos e crenças acerca de pessoas assexuais e das suas experiências. Os participantes foram informados que participação era voluntária e que podiam desistir da mesma a qualquer momento, realçando o anonimato das respostas. Era ainda descrito que os participantes deviam ter mais de 18 anos e falar inglês fluente para a realização do questionário (considerados como critérios de seleção de amostra).

² Os autores (Gosling et al., 2003) indicam que as correlações relativamente baixas entre itens, conjuntamente com o facto das escalas TIPI terem apenas dois itens, resultam em algumas estimativas de consistência interna invulgarmente baixas.

Ao consentir a participação, foram apresentadas as questões sociodemográficas (por exemplo, idade, zona e país de residência, nível de escolaridade, orientação sexual). Posteriormente, foram aleatoriamente atribuídas aos participantes uma das quatro condições que definiram o delineamento experimental: (a) “*Mary and John identify themselves as asexual and are in a relationship with each other. Neither of them experiences sexual attraction.*” (alvos ace), (b) “*Mary and John identify themselves as aromantic asexual and are in a relationship with each other. Neither of them experiences romantic attraction.*” (alvos assexuais arromânticos), (c) “*Mary and John identify themselves as romantic asexual and are in a relationship with each other. They both experience romantic attraction.*” (alvos assexuais românticos) e (d) “*Mary and John identify themselves as heterosexual and are in a relationship with each other. They both experience sexual and romantic attraction.*” (alvos heterossexuais). Após a leitura das descrições, participantes responderam às medidas dependentes. Este estudo incluiu outras medidas que não são alvo de análise neste trabalho. Após a conclusão do questionário, era apresentado um agradecimento pela colaboração no estudo, acompanhado de algumas páginas de websites onde poderiam encontrar informações relativas à definição e experiências vividas na assexualidade. Os dados foram recolhidos em abril e maio de 2023.

2.4. Plano de Análise

A análise deste trabalho foi realizada com recurso ao IBM SPSS, versão 29. As hipóteses foram testadas através de ANOVAs univariadas. Quando foram encontradas diferenças, foram adicionalmente calculadas comparações *post hoc* com correções de Bonferroni.

CAPÍTULO 3

Resultados

3.1. Atribuição de Traços Estereotípicos: Não-Sociabilidade e Imaturidade

Na atribuição do traço de não-sociabilidade, verificou-se um efeito principal da condição experimental, $F(3, 342) = 10.40, p < .001, \eta_p^2 = .084$. Comparações entre grupos mostram alvos ace ($M = 3.94, EP = 0.18$) foram percebidos como menos sociáveis³ comparativamente a alvos heterossexuais ($M = 2.86, EP = 0.18$), $p < .001$. Estes resultados confirmam H1. No sentido de contribuir para a análise exploratória deste trabalho, a comparação entre grupos evidenciou também que alvos assexuais aromânticos ($M = 4.15, EP = 0.17$) são marginalmente percebidos como menos sociáveis, em comparação com alvos assexuais românticos ($M = 3.57, EP = 0.17$), $p = .095$. Para além disso, as comparações entre grupos mostram que alvos assexuais aromânticos ($M = 4.15, EP = 0.17$) e alvos assexuais românticos ($M = 3.57, EP = 0.17$) são percebidos como menos sociáveis em comparação a alvos heterossexuais ($M = 2.86, EP = 0.18$), $p = .001$ e $p = .026$, respetivamente.

Verificou-se um efeito principal da condição experimental na atribuição do traço imaturidade $F(3, 342) = 5.58, p < .001, \eta_p^2 = .047$. As comparações entre grupos não verificaram diferenças significativas na atribuição de imaturidade entre alvos ace ($M = 3.61, EP = 0.18$) e alvos heterossexuais ($M = 3.02, EP = 0.18$), $p = .143$, logo confirma-se H2. Porém, as comparações entre grupos mostraram que alvos assexuais aromânticos foram percebidos como mais imaturos ($M = 4.03, EP = 0.17$) comparativamente aos alvos heterossexuais ($M = 3.02, EP = 0.18$), $p < .001$ e que os alvos assexuais românticos foram marginalmente percebidos como mais imaturos ($M = 3.65, EP = 0.17$) comparativamente a alvos heterossexuais ($M = 3.02, EP = 0.18$), $p = .070$.⁴ Não se verificaram diferenças significativas entre as restantes condições (todos $p > .143$).

³ Valores médios mais altos indicam maior atribuição de não-sociabilidade aos alvos. Para facilitar a leitura, pontuações médias mais altas significam que os alvos são percebidos como menos sociáveis, em comparação a pontuações médias mais baixas.

⁴ Neste trabalho, considera-se um nível de significância marginal $.050 > p < .100$

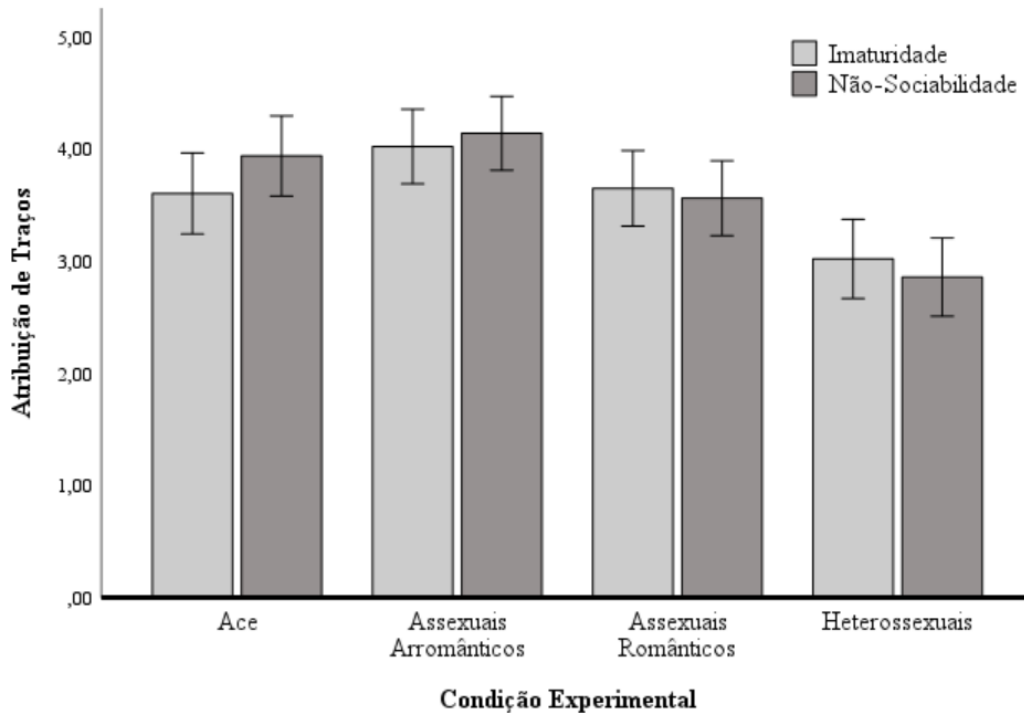


Fig. 2.1. Atribuição de traços estereotípicos de acordo com cada condição experimental

3.2. Intenções de Amizade

Foi verificado um efeito principal marginal da condição experimental, $F(3, 342) = 2.51, p = .059, \eta_p^2 = .022$. Comparações entre grupos mostraram não existem diferenças significativas comparando as intenções de amizade para com alvos ace ($M = 65.92, EP = 2.74$) e para com alvos heterossexuais ($M = 73.47, EP = 2.67$), $p = .297$. Assim, os resultados não verificam H3. Porém, comparações entre grupos mostraram que participantes reportaram marginalmente mais intenções de amizade face a alvos heterossexuais ($M = 73.47, EP = 2.67$) do que a alvos assexuais arromânticos ($M = 64.10, EP = 2.53$), $p = .067$. Mais nenhuma comparação foi estatisticamente significativa, todos $p > .234$.

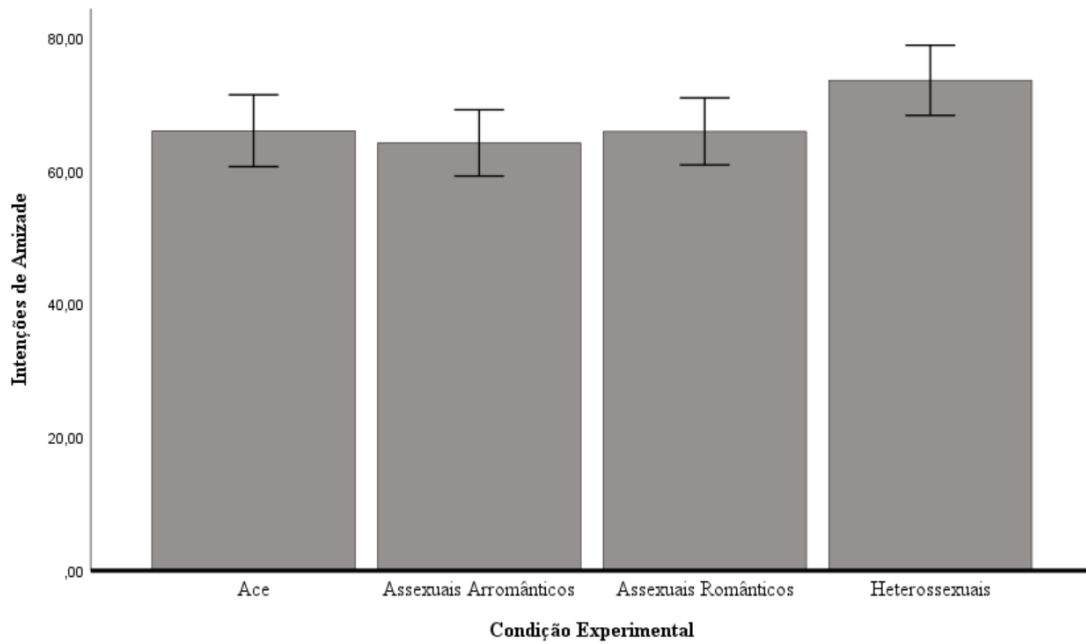


Fig. 2.2. Intenções de amizade de acordo com cada condição experimental

3.3. Análise Exploratória: Traços de Personalidade Big-Five

Em relação à atribuição de traços de conscienciosidade, verificou-se um efeito principal marginalmente significativo da condição experimental, $F(3,342) = 2.14$, $p = .095$, $\eta_p^2 = .018$. Quando realizadas as comparações entre grupos, não se verificam diferenças significativas, $p > .133$. Relativamente à agradabilidade, verificou-se um efeito principal significativo $F(3, 342) = 7.30$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .060$. Comparações entre grupos mostram que alvos heterossexuais foram percebidos como tendo maior agradabilidade ($M = 4.96$, $EP = 0.11$) comparativamente a assexuais arromânticos ($M = 4.25$, $SE = 0.10$), $p < .001$ e a alvos assexuais românticos ($M = 4.55$, $EP = 0.11$), $p = .047$. Entre os restantes grupos não se verificam diferenças significativas, $p > .120$.

Verificou-se um efeito principal significativo da condição experimental na atribuição de extroversão, $F(3,342) = 9.80$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .079$. As comparações entre grupos mostram que alvos heterossexuais foram percebidos como mais extrovertidos ($M = 4.34$, $EP = 0.11$), comparativamente a alvos assexuais arromânticos ($M = 3.58$, $EP = 0.10$), $p > .001$. Ainda, tanto alvos assexuais românticos ($M = 4.10$, $EP = 0.10$), $p = .002$, como assexuais ($M = 3.99$, $EP = 0.11$), $p = .034$, foram percebidos como mais extrovertidos, do que assexuais arromânticos. As restantes comparações não evidenciaram diferenças significativas, todos $p > .110$.

Em relação à atribuição de traços de personalidade de neuroticismo, verificou-se um efeito principal $F(3,342) = 4.86, p = .003, \eta_p^2 = .041$. As comparações entre grupos mostraram menor atribuição de traços de neuroticismo a alvos heterossexuais ($M = 3.05, EP = 0.13$) comparativamente a assexuais aromânticos ($M = 3.73, EP = 0.12$), $p = .001$. As restantes comparações não mostraram resultados significativos (todos $p > .146$).

Por fim, na atribuição de traços relativos à dimensão abertura a novas experiências, verificou-se um efeito marginal da condição experimental, $F(3,342) = 2.47, p = .062, \eta_p^2 = .021$. As comparações entre grupos evidenciam que alvos assexuais românticos ($M = 4.75, EP = 0.12$) são marginalmente mais abertos a novas experiências comparativamente a assexuais aromânticos ($M = 4.29, EP = 0.12$), $p = .051$. Entre os restantes grupos não se verificaram diferenças significativas (todos $p > .495$).

CAPÍTULO 4

Discussão

Este trabalho pretende colmatar a falta de evidências empíricas na forma como a assexualidade é percebida por asexuais, contribuindo para o conhecimento sobre as formas de preconceito contra pessoas ace, evidenciada no estudo de MacInnis e Hodson (2012). As atitudes negativas em relação a pessoas assexuais estão relacionadas com a negatividade contra minorias sexuais, devido à não adesão de comportamentos heteronormativos (Herek, 2009; Herek et al., 2015). Ao partir do pressuposto que atração sexual é inevitável no desenvolvimento humano, pessoas assexuais são avaliadas mais negativamente pela sociedade, em comparação com outras minorias sexuais que se envolvem em atividade sexual (MacInnis & Hodson, 2012), e estereotipadas como menos sociáveis comparativamente a indivíduos heterossexuais (Zivony & Reggev, 2023). Para além disso, a literatura tem demonstrado que existe diversidade entre pessoas assexuais, não só na forma como experienciam a atração sexual, mas também a atração romântica (Carrigan, 2011; Carvalho & Rodrigues, 2022; Prause & Graham, 2007). Assim, ao descrever hipoteticamente dois alvos assexuais distintos (assexuais aromânticos e românticos), este trabalho pretendeu perceber a forma como pessoas assexuais são percebidas dentro da sua diversidade, ao explorar as diferenças na atribuição de traços estereotípicos (imaturidade e não-sociabilidade) e nas intenções de amizade para com estes alvos e comparando-os também com alvos ace e alvos heterossexuais.

Os resultados deste trabalho revelaram, primeiramente, que foram atribuídos mais traços de não-sociabilidade a alvos ace, comparativamente a alvos heterossexuais, à semelhança do verificado no estudo de Zivony e Reggev (2023) e, portanto, deu suporte à nossa hipótese (H1). Para além disso, os restantes alvos assexuais (assexuais românticos e aromânticos) também foram percebidos como menos sociáveis comparativamente a alvos heterossexuais. Estes resultados não evidenciam explicitamente o preconceito contra pessoas assexuais (atitudes aversivas e hostis para com pessoas assexuais; MacInnis & Hodson, 2012), mas um padrão para a construção de um estereótipo de não-sociabilidade associado a pessoas assexuais (Zivony & Reggev, 2023), independentemente de definirem (ou não) orientação romântica. A literatura não tem evidenciado que outras minorias sexuais sejam estereotipicamente percebidas como não-sociáveis, o que nos leva a considerar a não-sociabilidade como um traço estereotípico

específico e único associado à assexualidade (Zivony & Reggev, 2023), ao contrário da imaturidade, que conjuntamente com a “confusão”, têm sido traços associados, por exemplo, a pessoas bissexuais (Ferster & Zivony, 2023). Apesar de alvos ace não terem sido percebidos como mais imaturos (vs. heterossexuais) – o que suporta a hipótese 2 –, alvos assexuais aromânticos (e românticos, mas marginalmente) foram percebidos como mais imaturos comparativamente a alvos heterossexuais. Segundo dados de estudos qualitativos, algumas pessoas assexuais têm indicado sentir pressão por parte de familiares e amigos para se envolverem romanticamente com alguém, para terem encontros, casar e ter filhos (Robbins et al., 2016). Isto evidencia a perspectiva do romantismo como natural na vida do ser humano. Se pessoas assexuais aromânticas indicam não procurar relacionamentos amorosos, a tendência para serem percebidas como mais imaturas será potencialmente maior, devido ao facto de as pessoas considerarem que a atração romântica faz parte do desenvolvimento do ser humano, à semelhança da atração sexual (Zivony & Reggev, 2023).

O objetivo deste trabalho passa por explorar se pessoas assexuais são percecionadas de forma diferenciada consoante pessoas assexuais são definidas como românticas e aromânticas. Relativamente à atribuição de traços de não-sociabilidade, neste trabalho verificou-se (embora marginalmente) uma perceção de alvos assexuais aromânticos como menos sociáveis em comparação a alvos assexuais românticos. A análise exploratória realizada sobre os traços de personalidade Big-Five complementa a avaliação da não-sociabilidade diferenciadas entre pessoas assexuais, dado que alvos assexuais aromânticos (vs. românticos) foram percebidos como menos extrovertidos e menos abertos a novas experiências. MacInnis e Hodson (2012), no seu estudo, verificaram que alvos assexuais foram avaliados com menos traços e emoções naturalmente humanas (considerados fundamentais à espécie humana), sendo que algumas dessas características têm subjacente o envolvimento social (e romântico) do ser humano (como amor, afeto, desejo, ser amigável e prestável). Se se deduzir que desenvolver atração romântica é fundamental ao desenvolvimento humano, pessoas assexuais aromânticas, por indicarem não procurar envolvimento romântico com outras pessoas (Brotto et al., 2010; Carrigan, 2011), poderão ser mais facilmente percebidas como menos sociáveis. Assim sendo, o preconceito sobre a assexualidade poderá ser mais evidente em pessoas assexuais aromânticas.

A análise das intenções de amizade não deu suporte à nossa hipótese (H3), dado que alvos ace não foram avaliados mais favoravelmente quando comparados com alvos heterossexuais. Porém, foram avaliadas diferenças nas intenções de amizade entre grupos experimentais e verificou-se que as intenções de amizade para com alvos assexuais aromânticos são

marginalmente menores comparativamente a alvos heterossexuais. Apesar da pontuação positiva de intenções para com pessoas assexuais aromânticas (o valor médio é superior a 64 pontos, numa escala de 0 a 100), a diferença na indicação de maiores intenções de amizade para com alvos heterossexuais pode indicar maior tendência para discriminar pessoas assexuais aromânticas. Isto porque, se pessoas assexuais aromânticas são percebidas como menos sociáveis e mais imaturas por alossexuais, como comprovado neste estudo, a tendência para querer contactar com pessoas assexuais aromânticas poderá ser menor, devido a estas perceções menos favoráveis.

Em suma, podemos concluir que a imaturidade também pode ser um estereótipo associado à assexualidade, à semelhança da não-sociabilidade. Ao verificar que pessoas assexuais aromânticas são alvos de maior concordância na atribuição de não-sociabilidade e imaturidade, leva a crer que o estigma social sobre estas pessoas é diferenciado. Apesar dos resultados não indicarem atitudes negativas perante pessoas assexuais, há uma tendência para estigmatizar e discriminar, principalmente pessoas assexuais aromânticas e, por isso, o preconceito sobre estas pessoas torna-se mais evidente.

4.1. Limitações e Estudos Futuros

Este trabalho vem complementar, em parte, o trabalho de Zivony e Reggev (2023) relativamente à construção de estereótipos na assexualidade. A comparação da atribuição de traços estereotípicos em três alvos assexuais distintos, constitui um avanço na investigação em termos da perceção da assexualidade de forma diversa.

Por outro lado, são evidentes algumas limitações neste trabalho. Primeiramente, a análise realizada indicou diferenças marginais na atribuição de não-sociabilidade entre alvos assexuais românticos e aromânticos. Isto pode ser indicativo de estigmatização diferenciada entre estes alvos, porém nesta análise exploratória não foram avaliadas variáveis que possam ajudar a perceber que variáveis possam intensificar esta diferenciação. De forma a combater esta limitação, estudos futuros poderiam procurar replicar e expandir as descobertas atuais, ao controlar variáveis como inevitabilidade da atração e orientação de dominância social na atribuição de traços estereotípicos entre as diferentes identificações assexuais. Estas variáveis foram consideradas fortes preditoras de estereótipos sobre a assexualidade (Zivony & Reggev, 2023) e de preconceito sobre pessoas ace (MacInnis & Hodson, 2012) e, portanto, podem ajudar a compreender por que pessoas assexuais aromânticas são percebidas como menos sociáveis

comparativamente a pessoas assexuais românticas. Para além disso, estudos futuros devem procurar perceber se as pessoas assexuais aromânticas são percebidas como menos capazes de sustentar um relacionamento, no sentido de compreender melhor a estigmatização mais evidente nestas pessoas.

Outra limitação tem a ver com a descrição dos alvos assexuais aromânticos. A descrição indica que duas pessoas (Mary e John) estão numa relação, mas não sentem atração romântica nem sexual um pelo outro. A interpretação pode gerar alguma confusão entre participantes, devido à informação parecer contraditória e, portanto, pode ter levado a um enviesamento nas respostas. A maior atribuição de não-sociabilidade e imaturidade a estes alvos pode estar relacionada com o facto de não ter sido explícita que tipo de relação Mary e John tinham. Estudos futuros devem ter em conta que a descrição dos alvos deve ser clara, de forma a evitar enviesamentos nas respostas.

A literatura carece de investigação na área do preconceito antiassexual, nomeadamente na comparação das formas de preconceito entre a várias identificações assexuais. Assim sendo, espera-se que, futuramente, se concretizem trabalhos em que as condições experimentais descrevam outras formas de identificação assexual na dimensão romântica (assexuais homoromânticos, biromânticos e heteroromânticos) e comparar as perceções acerca das mesmas no que diz respeito aos traços estereotípicos. Também seria interessante perceber e comparar essas perceções com outras orientações sexuais, descrevendo homens gays, mulheres lésbicas e pessoas bissexuais e perceber se existem diferenças na atribuição dos traços estereotípicos analisados neste trabalho e de outras características normalmente associadas a estas orientações sexuais.

4.2. Implicações Teóricas e Práticas

Esta dissertação permite ampliar o conhecimento sobre a construção de estereótipos da assexualidade e, conseqüentemente, compreender a forma como o preconceito sobre pessoas ace existe. Com escassa base empírica, sabe-se que o preconceito em relação a pessoas assexuais tem sido baseado em suposições sobre a sexualidade humana (MacInnis & Hodson, 2012; Zivony & Reggev, 2023). A evidência de atribuição de traços estereotípicos a pessoas assexuais destaca a importância de estudar a relação entre crenças e preconceitos, de maneira a melhor compreender como as inferências sobre a sexualidade podem contribuir para a construção e manifestação de estereótipos. Este processo pode ajudar a intervir no sentido de mudar pontos de vista errados sobre a sexualidade e o preconceito que deles resulta, para além

de dar informação que permita o desenvolvimento de campanhas de sensibilização face ao estigma associado à assexualidade, de forma a promover discussões mais informadas.

O estigma pode reduzir a probabilidade de pessoas assexuais revelarem a sua assexualidade (Robbins et al., 2016), limitando o seu acesso aos serviços de saúde e reduzindo a eficácia dos serviços de saúde mental, o que aumenta o risco de indivíduos assexuais enfrentarem problemas de saúde mental, como depressão, ansiedade ou abuso de substâncias ilícitas, como já se tem verificado (Yule et al., 2013). Combater o preconceito em torno da assexualidade, tomando atitudes positivas em relação à mesma como promover uma melhor compreensão das experiências na assexualidade, torna possível evitar estas consequências e contribuir para o bem-estar psicológico desta comunidade.

CAPÍTULO 5

Conclusões

O preconceito sobre pessoas assexuais tem sido um tema pouco recorrente entre investigadores, nomeadamente no que diz respeito diferenciação do estigma associado às diferentes identificações do espectro ace. Pessoas assexuais estão propensos a sofrer estigma social devido à atribuição de estereótipos de não-sociabilidade e imaturidade, sendo que é possível que pessoas assexuais aromânticas sejam alvo de estigma social mais evidente. O pressuposto de que a atração é considerada inevitável no ser humano é uma variável preditora de preconceito sobre pessoas ace e, por isso, é necessário dar conhecimento de que não sentir (ou sentir em baixo nível) atração sexual não é uma patologia e que pessoas assexuais não devem ser caracterizadas como antissociais, por não se quererem envolver em atividade sexual ou relacionamentos românticos, de forma a evitar a discriminação destas pessoas.

Referências

- Antonsen, A. N., Zdaniuk, B., Yule, M., & Brotto, L. A. (2020). Ace and Aro: Understanding Differences in Romantic Attractions Among Persons Identifying as Asexual. *Archives of Sexual Behavior*, 49(5), 1615–1630. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01600-1>
- Bogaert, A. F. (2004). Asexuality: Prevalence and associated factors in a national probability sample. *Journal of Sex Research*, 41(3), 279–287. <https://doi.org/10.1080/00224490409552235>
- Bogaert, A. F. (2006). Toward a conceptual understanding of asexuality. *Review of General Psychology*, 10(3), 241–250. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.10.3.241>
- Bogaert, A. F. (2015). Asexuality: What it is and why it matters. *Journal of Sex Research*, 52(4), 362–379. <https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1015713>
- Brotto, L. A., Knudson, G., Inskip, J., Rhodes, K., & Erskine, Y. (2010). Asexuality: A mixed-methods approach. *Archives of Sexual Behavior*, 39(3), 599–618. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9434-x>
- Bulmer, M., & Izuma, K. (2018). Implicit and Explicit Attitudes Toward Sex and Romance in Asexuals. *Journal of Sex Research*, 55(8), 962–974. <https://doi.org/10.1080/00224499.2017.1303438>
- Carrigan, M. (2011). There's more to life than sex? difference and commonality within the asexual community. *Sexualities*, 14(4), 462–478. <https://doi.org/10.1177/1363460711406462>
- Carvalho, A. C., & Rodrigues, D. L. (2022). Sexuality, Sexual Behavior, and Relationships of Asexual Individuals: Differences Between Aromantic and Romantic Orientation. *Archives of Sexual Behavior*, 51(4), 2159–2168. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02187-2>
- Chasin, C. D. (2015). Making sense in and of the asexual community: Navigating relationships and identities in a context of resistance. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 25(2), 167–180. <https://doi.org/10.1002/casp.2203>

- Decker, J. S. (2015). *The invisible orientation: An introduction to asexuality*. New York, NY: Skyhorse Publishing.
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, *56*(1), 5–18. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.56.1.5>
- Ferster, O., & Zivony, A. (2023). Bisexual stereotypes in clinical evaluation. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/sgd0000630>
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann, W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, *37*(6), 504–528. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(03\)00046-1](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(03)00046-1)
- Haslam, N. (2006). Personality and Social Psychology Review. *Personality and Social Psychology Review*, *10*(3), 252–264. <https://doi.org/10.1207/s15327957pspr1003>
- Herek, G. M. (2009). Hate crimes and stigma-related experiences among sexual minority adults in the united states: Prevalence estimates from a national probability sample. *Journal of Interpersonal Violence*, *24*(1), 54–74. <https://doi.org/10.1177/0886260508316477>
- Herek, G. M. (2010). Sexual orientation differences as deficits: Science and stigma in the history of American psychology. *Perspectives on Psychological Science*, *5*(6), 693–699. <https://doi.org/10.1177/1745691610388770>
- Herek, G. M., Gillis, J. R., & Cogan, J. C. (2015). Internalized stigma among sexual minority adults: Insights from a social psychological perspective. *Stigma and Health*, *1*(S), 18–34. <https://doi.org/10.1037/2376-6972.1.s.18>
- Herek, G. M., & McLemore, K. A. (2013). Sexual prejudice. *Annual Review of Psychology*, *64*, 309–333. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143826>
- MacInnis, C. C., & Hodson, G. (2012). Intergroup bias toward “Group X”: Evidence of prejudice, dehumanization, avoidance, and discrimination against asexuals. *Group Processes and Intergroup Relations*, *15*(6), 725–743. <https://doi.org/10.1177/1368430212442419>

- Prause, N., & Graham, C. A. (2007). Asexuality: Classification and characterization. *Archives of Sexual Behavior*, 36(3), 341–356. <https://doi.org/10.1007/s10508-006-9142-3>
- Robbins, N. K., Low, K. G., & Query, A. N. (2016). A Qualitative Exploration of the “Coming Out” Process for Asexual Individuals. *Archives of Sexual Behavior*, 45(3), 751–760. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0561-x>
- Seidman, S. (2009). Critique of compulsory heterosexuality. *Routledge International Handbook of Heterosexualities Studies*, 6(1), 75–88. <https://doi.org/10.4324/9780429440731-5>
- Storms, M. D. (1980). Theories of sexual orientation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(5), 783–792. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.38.5.783>
- Stuber, J., Meyer, I., & Link, B. (2008). Stigma, prejudice, discrimination and health. *Social Science and Medicine*, 67(3), 351–357. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2008.03.023>
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of social conflict. Reprinted in W. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (2nd ed., pp. 33–47). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Van Houdenhove, E., Enzlin, P., & Gijs, L. (2017). A Positive Approach Toward Asexuality: Some First Steps, But Still a Long Way to Go. *Archives of Sexual Behavior*, 46(3), 647–651. <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0921-1>
- Van Houdenhove, E., Gijs, L., T’sjoen, G., & Enzlin, P. (2015). Asexuality: A multidimensional approach. *Journal of Sex Research*, 52(6), 669–678. <https://doi.org/10.1080/00224499.2014.898015>
- Van Houdenhove, E., Gijs, L., T’Sjoen, G., & Enzlin, P. (2015). Stories about Asexuality: A Qualitative Study on Asexual Women. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 41(3), 262–281. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2014.889053>
- Yule, M. A., Brotto, L. A., & Gorzalka, B. B. (2013). Mental health and interpersonal functioning in self-identified asexual men and women. *Psychology and Sexuality*, 4(2), 136–151. <https://doi.org/10.1080/19419899.2013.774162>
- Yule, M. A., Brotto, L. A., & Gorzalka, B. B. (2017). Human Asexuality: What Do We Know About a Lack of Sexual Attraction? *Current Sexual Health Reports*, 9(1), 50–56.

<https://doi.org/10.1007/s11930-017-0100-y>

Zivony, A., & Reggev, N. (2023). Beliefs About the Inevitability of Sexual Attraction Predict Stereotypes About Asexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 52(5), 2215–2228.
<https://doi.org/10.1007/s10508-023-02616-4>

Anexos

Anexo A – Consentimento Informado

This Participant Information Statement tells you about the research study. Knowing what is involved will help you decide if you want to take part in the research. Please read the following information carefully.

1. Who is running the study?

The study is being carried out by Ana Assunção, Social and Organizational Master Student, and David L. Rodrigues, PhD, both from Iscte-Instituto Universitário de Lisboa (Portugal).

2. What is the study and what will it involve?

The participation in this study involves completing an anonymous online survey assessing your knowledge and beliefs about asexual individuals and their experiences. You can only access the survey after giving your consent. After completing the survey, we will detail the objectives of this study.

3. How much of my time will the study take?

The survey should take no more than 10 minutes to complete.

4. Who can take part in the study?

In order to participate, you must be over the age of 18 and speak English fluently. No other restrictions apply.

5. Can I withdraw from the study once I've started?

Participation in this study is voluntary. If you decide to participate in the study and later change your mind, you can withdraw any time by closing the survey page. You can also withdraw your responses any time before submitting the survey. In both cases, your responses will not be considered for analysis. Once submitted, your responses cannot be withdrawn because they are anonymous.

6. Are there any risks or costs associated with being in the study?

We expect no risks from taking part in this study.

7. Are there any benefits or compensations associated with being in the study?

Participants have the opportunity to contribute to science and to a better understanding of asexuality. Participants in this study won't receive any financial compensation.

8. What will happen to information about me that is collected during the study?

By providing your consent, you agree that we collect information about you and your experiences for the purposes of this research study. This information does not allow us to identify you and will only be used for the purposes outlined in this Participant Information

Statement. The researchers running this study are responsible for the processing of your personal data that are collected exclusively for the purposes of the study, in accordance to the guidelines from the Ethics Committee at Iscte and the General Data Protection Regulation (GDPR). Data collected from each consenting participant will be de-identified and attributed a random participant number. The data will be kept confidential and stored on a password protected computer. Only the researchers will have access to the anonymous responses. After de-identified, the data will be analyzed and integrated into the research student's master's thesis. Data may also be used in scientific publications in peer-reviewed journals and presented at professional meetings. There is also a possibility that we will share the de-identified data with other researchers through professional academic data-sharing systems (i.e., the Open Science Framework, <http://osf.io>) who wish to verify our analyses and conclusions. Iscte has a Data Protection Officer who may be contacted by e-mail: dpo@iscte-iul.pt. If you consider this necessary, you also have the right to submit a complaint to the Portuguese Data Protection Authority (CNDP).

9. What if I would like further information about the study?

When you have read this information, if you have further questions about the study, please email the principal investigator, Ana Assunção at aitao@iscte-iul.pt

10. Will I be told the results of the study?

You have a right to receive feedback about the overall results of this study. You can tell us that you wish to receive feedback, which will be in the form of a summary of results after the study is finished, or a paper published with the findings. To do so, please contact the principal investigator.

Do you consent to participate in this study?

I consent to participate

I do not consent to participate

Anexo B – Questões Sociodemográficas

What is your age in years? _____

In which country do you currently live in? _____

Where do you live?

- Metropolitan area (e.g., urban centers)
- Peripheral cities
- Rural area
- If you feel that your area of residence is not represented by any of the options above, please indicate how you identify where you live: _____
- Prefer not to answer (5)

How would you describe your ethnicity?

- Arab
- Asian
- Black
- Latino
- White
- Other. Please specify: _____
- Prefer not to answer

How would you define your gender?

- Male
- Female
- Non-binary / third gender
- If you feel that your gender is not represented by any of the options above, please indicate how you identify your gender: _____
- Prefer not to answer (5)

How would you describe your current sexual orientation?

- Heterosexual
- Lesbian/Gay
- Bisexual

- Queer
- Asexual
- Pansexual
- If you feel that your sexual orientation is not represented by any of the options above, please indicate how you identify your sexual orientation: _____
- Prefer not to answer

What is the highest degree or level of school that you have completed?

- Primary or secondary school
- High school
- University degree
- Master's degree
- Doctorate degree
- Other. Please specify: _____
- Prefer not to answer (7)

What best describes what you currently do?

- Full time student
- Student and working (part or full time)
- Working (part or full time)
- Stay-at-home parent
- Unemployed
- Retired
- Other. Please specify: _____
- Prefer not to answer (8)

Which of the descriptions comes closest to how you feel about the money situation in your household income nowadays?

- Finding it very difficult on present income
- Finding it difficult on present income
- Coping on present income
- Living comfortably on present income

- Living very comfortably on present income
- Prefer not to answer

What is your relationship status?

- I'm single and without a romantic relationship
- I'm casually dating one or multiple people
- I'm engaged to one person
- I'm married to one person
- I have consensual significant relationships with multiple people
- Other situation. Please specify _____
- I prefer not to answer

Anexo D – Intenções de Amizade

On the following scale ranging from 0 (definitely not) to 100 (definitely yes), please indicate the extent to which you:

0 = *Definitely
not*

Definitely yes =
100

0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

would you like to be friends with Mary and
John? ()

